

André Gardel¹

¹ É compositor, poeta, ensaísta e professor.

Fabulosa II

Farta, fértil, fabulosa,
felliniana, fatal, rosa,
mais que poesia, prosa
floreada, caudalosa.

Carta oculta na manga
larga, lassa, joga
uma perna torre, outra
porre, vai para a ioga,

a cabeça globo, o tronco
forte sustenta Peri e
Ceci no Paquequer de
seus peitos apólices,

no ápice, abelha rainha,
da mata fole, floresta
andante, largo, scherzo.
Terço na mão, a besta

no coração, sangra filmes,
fatias de torta, A Morta,
de Andrade, fecha a porta
de teus mares, oh Cabral!

Lá vai a baleia, a sereia
risonha, cínica, vil;
lá vem o Brasil descendo
a ladeira, a lavadeira

chefe de família, a mão
no tanque, o pensamento
na hora de buscar Irene
na escola, a bola lá vai...

Farta, fértil, fabulosa,
felliniana, fatal, rosa,
mais que poesia, prosa
floreada, caudalosa.

A borboleta e o hipopótamo

Pousa a leve lua
da asa,
ao sol
da África,
a borboleta
branca.
As patas finas,
as antenas
hábeis
dão a impressão
vadia
de segurança
pênsil.
Em silêncio,
sonda os ruídos
da floresta, o
vento na pista
de pouso de
couro teso
do obeso
hipopótamo
preto,
que, ao piscar
os olhos de
petróleo,
faz voar a
borboleta
branca,
em dança
incerta,
embriagada.

Menina no cavalo

pra Nara

Força concentrada em forma elegante,
complexo de músculos ritmados,
andadura tesa, luz ondulante,
dorso em curvatura leve e marrom,
crina esvoaçante, rabo suspenso,
pernas esguias, inesperada si-
metria plena da espécie sobressai
no verde azul, no branco ao redor
e se impõe aos olhos, uma mulher
que o charme não se explica,
que a fome não sacia,
que as horas não apreendem.
Tensão de sol contido em muda gravidade,
se deixa dominar por pura piedade,
por generosidade, por sabedoria;
minha filha agradece e passeia em flor
no fogo de sua lúcida selvageria.

Figo

Figura que se finge forte
mas é frágil céu mutante
anunciando tempestade.
Pele de diamante que se
abre em mel; aroma que
invade o dia e vinga até
o corte da noite, quando
o vermelho pardo seduz
a língua ao sabor. Antes,
o contato com as mãos
cria imagens de ternura
e fogo, de tecidos macios
ao crepúsculo vestindo
mortais, prontos para a
entrega de bálsamos e
cristais moventes, lentos
de prazer. Figo, tua forma
provei em sonho, a árvore
da vida na rua, personagens
estranhos felizes, na prata
da roda do automóvel. Figo,
teu desenho se chama infinito,
a fonte do mundo e seu fim,
sedoso delírio, a flor da tua
alma pulsa, na garganta se
precipita, goza, é mulher.

